

Antinomias da *Aufklärung*: o que está em jogo na crítica de Adorno e Horkheimer à Indústria Cultural?

Douglas Garcia Alves Júnior
UFOP

Resumo

O propósito deste artigo é apresentar alguns dos pressupostos fundamentais para o entendimento do conceito de “indústria cultural”, desenvolvido por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento* (1947). A hipótese que é aqui apresentada é a do caráter histórico e hermenêutico do conceito, do qual são ressaltados três aspectos: a dimensão de totalidade, o moralismo e a morbidez da indústria cultural.

Abstract

The aim of this paper is to draw some of the main aspects involved in a full understanding of the concept of “cultural industry”, as it was developed by Theodor Adorno and Max Horkheimer in *Dialectic of Enlightenment* (1947). It will be pointed out that this concept is fundamentally an historical and hermeneutic tool, from which three aspects will be rejoined: the dimension of totality, the moralist feature, and the morbid quality of culture industry.

Theodor Adorno, como se sabe, foi o crítico mais duro daquilo que nos acostumamos a chamar, após o seu livro *Dialética do Esclarecimento*¹ – escrito durante a Segunda Guerra em parceria com Max Horkheimer, e publicado primeiramente em 1947 –, de *indústria cultural*. A expressão alcançou logo uma enorme disseminação e passou a significar tanto a designação do sistema industrial de produção e distribuição de bens culturais quanto, implicitamente, uma crítica à transformação da cultura em assunto predominantemente econômico, dependente quase que exclusivamente da esfera do consumo e do entretenimento.

¹ Aqui citado conforme a edição brasileira (Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max, *Dialética do esclarecimento*, tradução de Guido de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.), sendo usada a abreviatura DE, seguida da indicação do número de página.

A proposta deste ensaio é voltar ao livro de Adorno e Horkheimer, especialmente ao capítulo “Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, para propor a seguinte hipótese: pode-se ainda aprender com as análises dos frankfurtianos acerca dos infortúnios da cultura na era da sua industrialização, o que não significa que elas esgotem o assunto, e muito menos que elas possam ser uma espécie de princípio determinante para toda e qualquer interpretação de fenômenos particulares, como o comentário de obras contemporâneas ou passadas, a avaliação de movimentos artísticos ou a crítica de eventos culturais. Entenda-se: não se trata de resgatar em Adorno e Horkheimer um esquema interpretativo totalizante a respeito da cultura, mas, muito mais, de resgatar a atenção que ele dirigiu ao modo como, nos mais variados processos e produtos culturais, inclusive os consumidos como “alta cultura”, se fazem presentes as marcas de tendências muito fortes e, por isso mesmo, muito difíceis de serem percebidas. O capítulo da *Dialética do Esclarecimento* pode surpreender o leitor contemporâneo pelo modo como, já nos anos quarenta, Adorno e Horkheimer estavam atentos a duas características do “estilo” da indústria cultural como um todo, e que cresceram exponencialmente desde então, a ponto de se converterem, talvez, no traço característico do clima cultural contemporâneo: falo de *moralismo* e de *morbidez*².

Antes de entrar na discussão dessas características, apresento, de maneira sumária, as duas teses gerais de Adorno e Horkheimer sobre os destinos da cultura na modernidade, expostas nos capítulos iniciais da *Dialética do Esclarecimento*. A seguir, apresentarei as suas três teses a respeito das conseqüências do predomínio do modo industrial de se fazer e se consumir cultura. É importante observar, antes de tudo, que Adorno e Horkheimer pretendiam descrever tendências históricas em movimento, sem reivindicar para as mesmas uma validade atemporal. Trata-se, antes, de um esforço intelectual de captar a sua época através de certos instrumentos conceituais, esforço desde sempre tateante e incompleto, e que Hegel chamava de *especulativo*. Isso não quer dizer que Adorno e Horkheimer (e tantos filósofos antes deles) moviam-

² Outro livro de Adorno, escrito na mesma época, é pródigo em descrições precisas do moralismo e da morbidez presentes na mentalidade que cerca a indústria cultural, permanecendo até hoje, uma

se em meio a meras abstrações, e sim que, ao contrário, tentavam descrever, do modo mais claro possível, a dinâmica do concreto em sua variedade e transformação continuada. Adorno chamava essa tentativa de um “ir além do conceito através do conceito”. Toda sua obra tematiza essa busca que nem sempre acerta, que nunca está decidida de antemão. A respeito dessa fragilidade essencial do pensamento, que é ao mesmo tempo a sua força, pode-se aprender muito com Adorno, especialmente em sua última obra concluída, *Dialética Negativa*, primeiramente publicada em 1966.

De início, retomo as duas teses básicas do livro de 1947 e que explicam, em grande parte, a perspectiva a partir da qual Adorno e Horkheimer compreendem os problemas da cultura contemporânea. A primeira diz que a mentalidade mítica não se encontra inteiramente mergulhada no irracional, que o mito não é um mero negativo da razão, mas que, ao tentar explicar o mundo e agir nele através dos mitos, os homens já estão racionalizando as suas relações com a natureza, com os outros homens e com a esfera do transcendente. Ou seja, mito e razão mantêm, na verdade, laços estreitos desde os inícios da civilização (DE, 23ss). A segunda tese é um complemento dialético da primeira. Ela diz, com efeito, que a racionalidade, por já conviver com mito desde sempre, não é tão neutra como acreditamos, apaziguados pelos progressos técnicos e científicos que a sua aplicação tem resultado. E mais: que ela carrega dentro de si, paradoxalmente, uma tendência destrutiva, autoritária e anti-civilizacional, pronta para povoar novamente o mundo daquelas mesmas forças que os mitos julgavam ter dominado: o medo dos demônios, a morte violenta em larga escala, a ruptura da ordem quotidiana das coisas, o ódio “justificado” nos discursos do *Führer* (DE, 26ss).

Sabe-se bem, hoje, como a Alemanha hitlerista foi um caso extremo de entrelaçamento de mentalidade mítica e racionalidade operacional. Vimos como aqueles que justificavam a necessidade de exterminar os judeus pela “razão” maior de se manter a identidade física e intelectual da “raça alemã” foram capazes também de planejar, experimentar e pôr em prática os meios de extermínio da maneira mais eficiente possível. A consciência das conseqüências sociais, políticas, éticas e culturais,

do extermínio³ nazista, é o que leva Adorno e Horkheimer a refletirem a respeito dessa duplicidade inscrita na cultura ocidental: por um lado, a tendência ao progresso dos meios técnicos e científicos, capazes de diminuir os males de nossa sujeição à natureza, como a fome, as doenças, as catástrofes naturais – por outro lado, no entanto, a tendência a um desmoronamento de todos esses meios, pela incapacidade da razão em se pôr numa relação respeitosa com o corpo, o sofrimento físico, a diferença cultural, em suma, tudo aquilo que nos lembra o enraizamento de toda cultura na natureza à nossa volta mas também *em nós*, homens, enquanto corporeidade natural.

É a partir dessa ambigüidade essencial da cultura, de sua dinâmica unificante e disruptiva, portanto, que Adorno e Horkheimer tentarão entender as características da indústria cultural. É assim que, no capítulo reservado à sua discussão, desde o subtítulo Adorno faz questão de ressaltar o entrelaçamento de razão e mito, designando a indústria cultural como um “esclarecimento” (isto é, uma racionalização) que é, ao mesmo tempo, uma “mistificação das massas”. É preciso investigar o que está em jogo nessa assimilação da indústria cultural tanto ao mito quanto à razão. Cumpre entender pelo menos duas coisas. Em primeiro lugar: *em que* a indústria cultural é uma mistificação das massas? E assim, a uma outra pergunta: *como* é possível que essa mistificação seja resultado de um processo de racionalização, isto é, de esclarecimento?

Começemos com as “massas mistificadas” pela indústria cultural. Adorno e Horkheimer afirmam três teses a esse respeito, *grasso modo*: 1) A indústria cultural designa o estágio histórico no qual a cultura assumiu um caráter de totalidade fechada em si mesma, auto-referencial, autoritária e intolerante para com a diferença. Essa feição de sistema da indústria cultural encarna-se na tendência ao monopólio, em detrimento da ultrapassada concorrência liberal. As agências produtoras e distribuidoras de bens culturais quase sempre são partes de monopólios industriais ou seus satélites. Nisso, a indústria cultural não escaparia, de resto, ao caráter

danificada.

³ Ver a esse respeito o ensaio de Jeanne Marie Gagnebin, “Após Auschwitz”, in: *Lembrar esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

concentrador do capitalismo de meados do século vinte (DE, 116ss). 2) O caráter de totalidade da cultura tornada indústria cultural repercute tendencialmente sobre a qualidade dos produtos culturais: se a resposta econômica passa a ser a diretriz do planejamento e das ações das agências produtoras de cultura, a maior quantidade possível de consumidores vem a ser seu objetivo regulador a ser alcançado, de modo que a qualidade e diferenciação dos produtos culturais passam a ser aspectos subordinados, e até mesmo alheios, a essa lógica. O que se verifica é: uniformização, conformidade ao gosto médio, repetição das fórmulas aprovadas pelo público, o mais desgastado vendido como última novidade (DE, 126ss). 3) Finalmente, a cultura vinculada pelo meio sistêmico e uniformizador da indústria cultural realiza a mais ampla e bem-sucedida idiotização já vista na história do ocidente, uma vez que a integração individual à cultura passa a se fazer através de canais e de instrumentos restritivos das capacidades de criação, interação social, imaginação e linguagem dos seres humanos. Consumidores de bens culturais pouco diferenciados e regressivos, os sujeitos perdem a chance de um contato com aquilo que possibilitaria um desenvolvimento de seus potenciais estéticos e comunicativos, isto é, a interação com bens culturais não-conformistas, complexos e diferenciados (DE, 118ss,154ss).

Em suma, quando a cultura se encontra mais racionalizada, ou seja, mais determinada por grandes agências produtoras, é nesse momento em que a cultura realiza, paradoxalmente, a sua vocação mítica e mistificadora de maneira mais acentuada, isto é, ela se propõe aos sujeitos como um poder de rebaixamento dos seus potenciais expressivos e intelectuais. De central importância para compreender este aspecto é um trecho do capítulo sobre a indústria cultural, que fala dessa transformação interna da cultura na contemporaneidade:

O novo não é o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que hoje ele se declara deliberadamente como tal, e é o fato de que a arte renega sua própria autonomia... As puras obras de arte, que negam o caráter mercantil da sociedade pelo simples fato de seguirem sua própria lei, sempre foram ao mesmo tempo mercadorias... A falta de finalidade da grande obra de arte moderna vive do anonimato do mercado... [Beethoven] fornece o exemplo mais grandioso da unidade dos contrários, mercado e autonomia, na arte burguesa... Mas, na medida em que a

pretensão de utilizar a arte se torna total começa a se delinear um deslocamento na estrutura econômica interna das mercadorias culturais... Assimilando-se totalmente à necessidade, a obra de arte defrauda de antemão os homens justamente da liberação do princípio da utilidade, liberação essa que a ela incumbia realizar. O que se poderia chamar de valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca; ao invés do prazer, o que se busca é assistir e estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor... Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo (DE, 147s).

Adorno e Horkheimer se valem, nessa passagem, de um vocabulário marxista e kantiano para indicar a dinâmica da assimilação progressiva da cultura à economia. Se toda cultura vive de sua ligação à esfera do mercado, ela, no entanto, é convertida em puro poder de disposição dos homens, na medida em que abdica de sua relativa autonomia em relação ao mercado. A indústria cultural é mítica e racional na medida em que: 1) abandona a pretensão de contrapor à lógica do mercado a sua própria lógica interna, segundo aquilo que Kant chamara de conformidade a fins sem fim do objeto estético, isto é, a sua distinção do mero agrado, funcionalidade e utilidade – a indústria cultural é mítica, aí, no sentido de que ela *não* procura transcender o que existe (o mercado e suas demandas) e nega toda tentativa nessa direção; 2) assume uma forma extremamente racional de produção de bens culturais, baseada na pesquisa de gosto do público e na publicidade.

Estamos agora em condições de entender o motivo pelo qual Adorno e Horkheimer indicam o moralismo e a morbidez como elementos fundamentais dos produtos oferecidos pela indústria cultural. Segundo eles, se a lógica do sistema da indústria cultural é conseguir a adesão dos consumidores, ela tende a estimular certa conformidade do gosto, e, assim, a promover certo conformismo diante das relações de poder instituídas na sociedade. Quanto mais as coisas permanecerem como sempre foram, em termos do que se poderia chamar de uma *política do gosto*, mais facilmente a indústria cultural poderá vender seus produtos e propor as mesmas formas de linguagem, sofisticando e variando apenas os efeitos técnicos. O moralismo mórbido cultivado pela indústria cultural é a consumação de um processo que,

anterior ao seu surgimento histórico, alcança o seu ponto extremo na contemporaneidade: o entrelaçamento de mito e racionalidade.

A morbidez cultivada pela indústria cultural é moralista na medida em que apela para um consentimento tácito às categorias de gosto, de linguagem, de poder e de pensamento que estruturam o existente. Ela deixa de dar expressão ao sofrimento no que este tem de irreduzível e insuportável (se assim o fizesse, não mais seria mórbida, e seria mais respeitosa) e deixa de dar voz à experiência moral no que ela tem de conflito e indeterminação (se assim o fizesse não mais seria moralista, e seria mais feliz). A *imposição de sentido* é o gesto pelo qual a indústria cultural rebaixa a complexidade ética e estética dos fenômenos aos quais ela se reporta como “tema”, alojados sempre dentro de uma “idéia” convencional. Segundo Adorno:

Aquilo que em geral e sem mais se poderia chamar cultura, queria, enquanto expressão do sofrimento e da contradição, fixar a idéia de uma vida verdadeira, mas não queria representar como sendo verdadeira a simples existência e as categorias convencionais e superadas da ordem, com as quais a indústria cultural a veste, como se fosse a vida verdadeira, e essas categorias fossem a sua medida (1986, 97).

Para concluir este percurso (que não se supõe exaustivo), assinalo brevemente o que a mim parece ser a contribuição de Adorno e Horkheimer ao debate atual sobre os rumos da cultura. Trata-se de admitir que toda sua radicalidade crítica é feita não em nome de um pessimismo metafísico ou de um esnobismo cultural, mas a algo bem anterior e mais fundamental: uma atitude de respeito pelos valores emancipatórios da cultura, que afirmam a dignidade de todos os seres humanos, seu poder de auto-determinação, sua capacidade de começar coisas novas no mundo, para além de tudo que existe como poder consolidado.

Referências

ADORNO, Theodor W. “A indústria cultural”, in: *Theodor W. Adorno – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Tradução de Flávio Kothe, São Paulo, Ática, 1986.

- _____. *Minima Moralia*. Tradução de Luiz Bicca, revisão da tradução de Guido de Almeida, São Paulo, Ática, 1992.
- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max, *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- CLAUSSEN, Detlev, "Atualidade da crítica da indústria cultural". Tradução de Antônio A. S. Zuin, de "Die Aktualität Kulturindustriekritik Adornos" in: *Das unerhört Moderne*, org. por Frithjof Hager e Hermann Pfütze, Lüneburg, zu Klampen, 1990.
- DUARTE, Rodrigo, *Adornos: Nove Ensaios sobre o Filósofo Frankfurtiano*, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie, "O conceito de razão em Adorno", in: *Sete Aulas sobre História, Linguagem e Memória*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- _____. "Após Auschwitz", in: *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ROCCO, Christopher. "Between Modernity and Postmodernity: Reading *Dialectic of Enlightenment* against the Grain", *Political Theory* 22 (1994): 71-97.
- ROTHBERG, Michael, "After Adorno: culture in the wake of catastrophe", *New German Critique* 72 (1997):45-81.